

SAUDE MENTAL E DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR: UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

MENTAL HEALTH AND TEACHING IN HIGHER EDUCATION: A BIBLIOGRAPHICAL RESEARCH

Nandra Martins Soares 1
Elisabeth Rossetto 2

Resumo: Esse estudo tem o objetivo de identificar os principais fatores de risco para o adoecimento psíquico do docente no ensino superior e sua relação com o trabalho. Através de uma pesquisa bibliográfica nas bases de dados Scielo, Periódicos Capes e Biblioteca virtual Google acadêmico, selecionou-se 18 artigos dos últimos cinco anos, no idioma português e inglês. Os resultados demonstram que o trabalho docente está relacionado com diversos fatores de risco à saúde mental, como: sobrecarga de trabalho; exigências burocráticas e administrativas; horas excedentes à jornada; pressão por produtivismo; recursos escassos; perda de direitos na carreira. Ademais se constatou alguns indicadores de adoecimento psíquico, como: fadiga crônica, estresse, insônia, falta de motivação, sintomas ansiosos, dores crônicas; sintomas depressivos. Conclui-se que a saúde do docente está intrinsecamente ligada às condições de trabalho, ao processo de individualização e ao sistema capitalista onde a educação é ajustada aos moldes para atender os interesses deste sistema.

Palavras-chave: Docente. Trabalho. Saúde Mental. Adoecimento Psíquico. Universidade.

Abstract: This study aims to identify the main risk factors for psychic illness in higher education professors and their relationship with work. Through a bibliographical research in the Scielo, Periódicos Capes and Google Academic Virtual Library databases, 18 articles, from the last five years, in Portuguese and English were selected. The results demonstrate that teaching work is related to several risk factors for mental health, such as: work overload; bureaucratic and administrative requirements; overtime hours; pressure for productivity; scarce resources; loss of career rights. Furthermore, some indicators of psychological illness were found, such as: chronic fatigue, stress, insomnia, lack of motivation, anxiety symptoms, chronic pain; depressive symptoms. It is concluded that the health of professors is intrinsically connected to working conditions, to the individualization process and to the capitalist system where education is adjusted to meet the interests of this system.

Keywords: Teacher. Work. Mental Health. Psychic Illness. University

- 1 Doutoranda em Educação (Unioeste - Cascavel/PR). Mestre em Desenvolvimento Comunitário (Unicentro - Irati/PR). Graduada em Psicologia (URI- Santiago/RS). Professora do Centro Universitário Dinâmica das Cataratas (UDC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0174521916062523>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0224-9083>. E-mail: nandrasoares@yahoo.com.br
- 2 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Professora na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste - Cascavel/PR). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9680222435474093>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4581-2446>. E-mail: erossetto2013@gmail.com

Introdução

O adoecimento, muitas vezes, pode se tornar uma forma de resistência ao processo de sucumbir às péssimas condições de trabalho, pode ser uma forma de não compactuar com uma sociedade que desvaloriza o trabalhador e o conhecimento (FACCI; URT *et al.*, 2017, p. 132).

Atualmente vive-se em um momento histórico com exigências de ajustamento a um padrão de “qualidade” que atenda os níveis de produção, que se atinja uma média frente às constantes avaliações, que se renovem, se reciclem e se qualifiquem cada vez mais a fim de satisfazer uma demanda produtiva, quantitativa e capitalista, pela qual se considera “o projeto individual de qualidade” desenvolvido para a vida humana.

E ao longo das últimas décadas, nesse emaranhado de exigências, o docente universitário vem sofrendo os impactos dessas transformações operadas na universidade e em sua dinâmica de trabalho (BORSOI, 2012; GUIMARÃES; CHAVES, 2015; MOURA *et al.*, 2019). Algumas dessas transformações ocorreram no contexto das políticas neoliberais que alteraram significativamente o sistema de gestão das universidades públicas, a partir da década de 1990 (LEMOS, 2011; 2014). Neste cenário, o conhecimento é visto como base para a produção de novas tecnologias e inovações em busca de acumulação do capital. Desta forma, as políticas, programas e ações buscam adequar o campo científico e educacional, em especial na educação superior, ao campo econômico (PAZ; OLIVEIRA, 2018).

O cotidiano dos professores em geral e dos universitários em especial, vem sofrendo constantes mudanças com alterações na rotina de trabalho, aumento das exigências socioeconômicas e ampliação da carga de trabalho, o qual se torna enfadonho e alienante, reduzindo cada vez mais o tempo para o lazer e o convívio familiar, uma vez que se dedica a maior parte do seu tempo ao cumprimento das atividades relacionadas ao trabalho. Nas universidades, a atuação do professor ultrapassa as barreiras da sala de aula através do tripé: ensino-pesquisa-extensão, sem desconsiderar as atividades de cunho administrativas e burocráticas. O excesso de tarefas e o alto nível de exigência e responsabilidade pode ocasionar uma sobrecarga ao docente, que se desdobra para cumprir todas as necessidades, de modo que sua qualidade de vida e saúde pode ser comprimida se não for bem organizada e gerenciada, e isso o torna vulnerável ao sofrimento e ao adoecimento psíquico.

Desse modo, e considerando o professor um agente mediador do trabalho educativo, é crucial que o contexto laboral possibilite este tipo de “fazer”, proporcionando condições materiais, de infraestrutura, sociais, humanas e de organização, além de um ambiente promotor de saúde psíquica, que fundamente a ação docente de forma consciente e não alienante. Com isso pretende-se refletir acerca da referida temática na busca de respostas para alguns questionamentos, tais como: Quais são os fatores que contribuem para “o adoecer” no âmbito universitário docente? Como as condições de trabalho podem influenciar no estabelecimento de psicopatologias?

Nesse sentido, o presente estudo tem o objetivo de identificar os principais fatores de risco para o adoecimento psíquico do docente na educação superior e sua relação com o trabalho. Para tanto foi realizada uma pesquisa bibliográfica em algumas bases a partir de artigos científicos, no intuito de conhecer os aspectos profissionais, laborais e políticos que podem influenciar na saúde mental dos professores universitários. Como referencial teórico adotou-se a psicologia histórico-cultural, por entender que essa perspectiva aborda o ser humano de modo integral, considerando-o um ser social, que se integra a natureza, em uma nova concepção sobre o desenvolvimento psíquico, e ressalta que a essência da vida do sujeito está relacionada à cultura, a sua história de vida. (ROSSETTO, 2009). Para Vigotski “o homem se desenvolve como ser humano ao transformar-se de ser biológico em ser sociocultural” (SCHMIDT; ROSSETTO, 2019, p. 17). E nesse sentido, o trabalho se torna uma ferramenta mediadora e modificadora da natureza, e o homem é transformado pelas mudanças ocorridas nesta dialética (homem e natureza), as quais promovem alterações na essência da psique humana. Assim utilizar desta perspectiva sobre o trabalho docente, é entender que as atividades desenvolvidas e a identidade do professor devem ser vistas como situações que se influenciam reciprocamente.

Metodologia

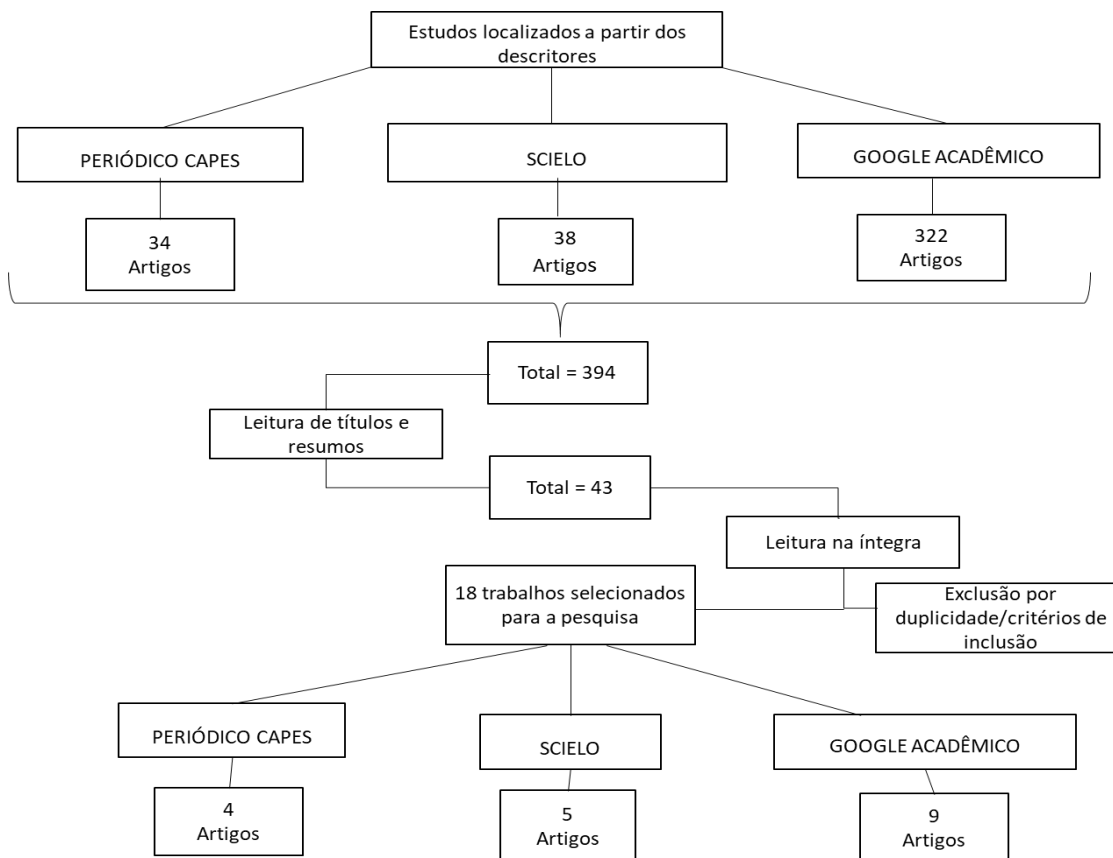
Com o objetivo de verificar as produções a partir do tema proposto neste estudo, realizou-se uma pesquisa teórica/bibliográfica, que para Gil (2007, p.44) esse tipo de pesquisa “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos”. E, segundo Severino (2007, p. 122) a pesquisa bibliográfica é factível por meio de [...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc., utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. No entanto para esse estudo optou-se apenas por artigos científicos, devido ao quantitativo extenso de material sobre o assunto.

A seleção dos estudos compreendeu o período dos últimos cinco anos (2017 a 2021) nas bases de dados Scielo, Periódicos Capes e Biblioteca virtual Google acadêmico, no idioma português e inglês, e utilizou-se os seguintes descritores: “saúde mental”; “ensino superior”; “trabalho docente”; “professor”, “adoecimento psíquico”, combinados entre si pelo operador booleano AND, abrangendo pesquisas das áreas de Educação e Psicologia.

Durante a pesquisa bibliográfica o procedimento correspondeu à leitura do título, dos resumos e das palavras chave, selecionando as publicações relacionadas ao objetivo deste estudo, e posteriormente realizada a leitura na íntegra.

A partir da combinação dos descritores, encontrou-se 394 estudos, sendo 38 artigos na plataforma Scielo, 34 no Periódico Capes e 322 artigos no Google acadêmico. Após as etapas de seleção, foram selecionados 18 artigos para a análise final, conforme descrito na Figura 1.

Figura 1. Fluxograma da seleção dos artigos



Fonte: SOARES; ROSSETTO (2022)

Trabalho docente e saúde mental

O trabalho como categoria edificadora do ser humano, historicamente é algo amplamente discutido (ANTUNES, 2006; COUTINHO et al., 2007; DEJOURS, 2004; NARDI, 2006), pois desempenha um protagonismo na compreensão do homem como ser social, o qual, por meio da atividade que executa com o objetivo de subsidiar sua sobrevivência, engendra as diversas tipologias de laços sociais tradicionalmente consagradas (HOLANDA, et al., 2014). “O produto do trabalho, no entanto, não se resume àquilo que tem valor monetário, pois o próprio homem e sua subjetividade também derivam em grande medida da atividade à qual se dedica” (HOLANDA, et al., 2014. p. 46).

Na perspectiva da psicologia histórico cultural, Rossetto (2009) descreve que Lev S. Vigotski precursor dessa teoria considera o trabalho como componente mediador que articula as relações entre os fenômenos e os elementos da vida do ser humano, e que por meios dos instrumentos físicos, tais como as ferramentas de trabalho e dos instrumentos psicológicos essa mediação do sujeito com o mundo e consigo mesmo torna-se possível. Deste modo, o trabalho é uma atividade laboral, que pode ser um meio de desenvolvimento ou alienação a depender de como está organizado e afeta o sujeito e sua vida.

Contudo o trabalho docente pode ser entendido como uma dimensão concreta a qual vem ocorrendo inseparavelmente do modo de produção capitalista, e é notório que a conjuntura produtivista marcou as últimas décadas, ocasionando transformações no modo de organização deste trabalho, motivado pela busca da “produtividade”. Tais modificações resultam na intensificação e ampliação das cobranças das atividades laborais, podendo acarretar em inúmeras consequências na saúde dos professores. Tal processo implica não somente na saúde física, mas também na saúde psíquica, bem como na percepção atribuída à sua condição (COUTINHO; MAGRO; BUDDE, 2011).

Desde as décadas de 1970 e 1980, houve uma reestruturação econômica, um reajustamento social e político com o surgimento de um novo modelo de trabalho marcado por flexibilização e competitividade, e esse paradigma também repercutiu no setor e na legislação educativa. Os professores universitários também sofreram os impactos das novas relações de trabalho e aos poucos a situação profissional foi se enredando com novas atividades e exigências dos formatos tecnológicos e burocráticos.

Com base nisso, na relação entre trabalho, docência e adoecimento, a seguir será apresentado os resultados encontrados nesta pesquisa. O Quadro 1 apresenta a caracterização inicial dos artigos analisados.

Quadro 1. Caracterização dos artigos selecionados

Autor/Título/Ano	Objetivo	Metodologia	Palavras-Chave
TEIXEIRA, T. S. C.; MARQUEZE, E. C. MORENO; CASTRO, C. R. Produtivismo acadêmico: quando a demanda supera o tempo de trabalho. 2020	Avaliar a associação entre a percepção da pressão por publicações com a satisfação e o estresse no trabalho	Pesquisa quantitativa/ Estudo de campo	Docentes. Universidades. Atividades Científicas e Tecnológicas. Sucesso Acadêmico. Eficiência Organizacional. Condições de Trabalho. Satisfação no Emprego. Saúde do Trabalhador.
LEITE, J. L. Publicar ou perecer: a esfinge do produtivismo acadêmico. 2017	Analisar a reestruturação das condições e processos de trabalho dos professores no ensino superior e como essa nova lógica adocece o professor física e mentalmente	Pesquisa qualitativa e Estudo de campo	Intensificação do trabalho docente. Produtivismo. Gerencialismo. Adoecimento

CAMPOS, T. C.; VÉRAS, R. M.; ARAÚJO, T. M. Transtornos mentais comuns em docentes do ensino superior: evidências de aspectos sociodemográficos e do trabalho. 2020	Estimar a prevalência de TMC em docentes de uma universidade pública da Bahia, analisando sua associação com aspectos sociodemográficos, laborais e psicossociais	Estudo epidemiológico de corte transversal, de caráter exploratório, estudo de campo e quantitativo	Docentes. Estudos Transversais. Transtornos mentais.
FERREIRA, E.C.; PEZUK, J. A. Síndrome de Burnout: um olhar para o esgotamento profissional do docente universitário. 2021	Compreender a síndrome de Burnout no universo da docência de ensino superior a partir da produção científica dos últimos cinco anos	Pesquisa bibliográfica	Estresse ocupacional. Esgotamento psicológico. Professor. Saúde mental. Ensino
VASCONCELOS, I.; LIMA R. L. Trabalho e saúde-adoecimento de docentes em universidades públicas. 2021	Analisar os influxos do trabalho na saúde dos(as) docentes	Pesquisa bibliográfica e Estudo de campo	Trabalho. Saúde do trabalhador. Educação Superior
TIBÃES, P. C. et. al. A relação entre trabalho e saúde mental em professores universitários substitutos. 2019	Identificar a relação entre trabalho e a saúde mental dos docentes universitários substitutos, considerando as condições e a organização do trabalho	Pesquisa qualitativa, descritiva-exploratória, e estudo de campo	Professores substitutos Adoecimento psíquico Saúde mental
ABRANTES, D. S. S.; ANDRADE, R. F. Ambiente de trabalho e saúde mental: o caso dos docentes da UNIFAP. 2020	Analisar a correlação existente entre o meio ambiente de trabalho do professor universitário e sua saúde mental	Pesquisa qualitativa e quantitativa, estudo de campo	Saúde mental; meio ambiente de trabalho. políticas públicas. saúde do professor. docência
PRATA-FERREIRA, P. A.; VASQUES-MENEZES, I. Conflitos do professor universitário: o que sabemos sobre isso? 2021	Compreender e avaliar o sofrimento psíquico e adoecimento do professor universitário a partir da percepção de seu trabalho e de sua relação com ele	Pesquisa qualitativa e estudo de campo	Trabalho Docente. Universidades. Conflito psíquico
TUNDIS, A. G. O.; MONTEIRO, J. K. Ensino superior e adoecimento docente: um estudo em uma universidade pública. 2018.	Identificar fatores críticos do contexto laboral de docentes do ensino superior público associados a riscos à saúde mental.	Pesquisa quantitativa, estudo de campo	Educação superior. trabalho docente. setor público

SENA, B. A. C.; LIMA, A. I. O sofrimento mental e a docência de ensino superior em enfermagem. 2021	Discorrer sobre a psicodinâmica do trabalho e os estudos sobre o campo da educação que envolvam o sofrimento mental docente e sua relação com a enfermagem	Pesquisa qualitativa e bibliográfica	Transtorno Mental; Docente; Enfermeiro.
ALVES, A. C. G.; SANTOS, A. C. O desgaste mental docente no ensino superior público e a relação com a subjetividade. 2021	Investigar os indicadores de saúde mental do trabalho docente do ensino superior e sua relação com a subjetividade.	Pesquisa de campo quantitativo e qualitativo	Trabalho Docente, Ensino Superior Público, Subjetividade, Desgaste Mental..
SOUTO, B. L. C. et. al. O trabalho docente em pós-graduação: prazer e sofrimento. 2017	Descrever os sentimentos de prazer e sofrimento no trabalho docente em pós-graduação na perspectiva dos docentes	Estudo exploratório-descriptivo, qualitativo e estudo de campo	Saúde do trabalhador. Docentes. Satisfação no emprego. Educação superior
SILVA, A. A.; OLIVEIRA, V. M.; CARVALHO, E. A. R. Psiquiatrização da educação superior: regular as emoções para que atendam às exigências da produtividade acadêmica. 2020	Discutir a medicalização dos sujeitos na educação superior, como forma de regular suas emoções para que atendam às exigências de produtividade acadêmica	Pesquisa bibliográfica	Medicalização da educação. Produtividade acadêmica. Gestão de si
OLIVEIRA, A. S. D.; PEREIRA, M. S.; LIMA, L. M. Trabalho, produtividade e adoecimento dos docentes nas universidades públicas brasileiras. 2017	Investigar as modalidades de adoecimento e sintomas que acometem o docente universitário do ensino público, com o intuito de verificar se há predominância de adoecimentos físicos ou psíquicos	Pesquisa bibliográfica	Trabalho docente. Universidades. Saúde do trabalhador
SOUZA, K. R.; et. al. A nova organização do trabalho na universidade pública: consequências coletivas da precarização na saúde dos docentes. 2017	Analisar a nova organização do trabalho dos professores universitários, estabelecendo uma relação com o panorama de saúde desses trabalhadores	Pesquisa bibliográfica de caráter exploratório	Trabalho docente, Universidades públicas, Saúde do trabalhador

CAMPOS, E. V.; CARVALHO, A. M. A.; SOUZA, A. S. Adoecimento docente de uma instituição pública federal de ensino superior: uma análise dos atestados médicos de saúde. 2021	Verificar o adoecimento docente através da análise de atestados médicos	Pesquisa documental	Doença. Docentes. Universidade.
NASCIMENTO, V. F. DAIBEM, A. M. L. Percepções de docentes universitários sobre o ambiente de trabalho. 2020	Conhecer as percepções de professores universitários sobre o ambiente de trabalho	Pesquisa descritivo-interpretativo, qualitativa, e estudo de campo	Universidades. Docentes. Condições de trabalho. Riscos ocupacionais. Meio social. Relações interpessoais
D'OLIVEIRA, C. A. F. B.; et al. Trabalho docente de enfermagem e as repercussões no processo saúde-doença. 2018	Analisar as repercussões do contexto de trabalho do docente de enfermagem no processo saúde-doença destes trabalhadores	Pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória, estudo de campo	Saúde do Trabalhador. Enfermagem do Trabalho. Docentes

Fonte: SOARES; ROSSETTO (2022)

Considerando os objetivos dos artigos selecionados (Quadro 2) foi possível agrupá-los em temáticas, sendo que 2 artigos (11,1%) estão relacionados a pressão pelo produtivismo acadêmico; 10 artigos (55,5%) sobre as condições e precarização do trabalho docente; 2 artigos (11,1%) elencam sobre os transtornos mentais nos docentes e 4 artigos (22,2%) trazem os principais fatores para o adoecimento psíquico dos docentes. Essas temáticas ficam mais ilustrativas no Quadro 2.

Quadro 2. Temáticas quanto aos objetivos dos artigos

Temáticas	Quantidade de artigos	%
1. Condições e precarização do trabalho docente	10	55,5%
2. Principais fatores para o adoecimento psíquico dos docentes	4	22,2%
3. Transtornos mentais nos docentes	2	11,1%
4. Pressão pelo produtivismo acadêmico	2	11,1%

Fonte: SOARES; ROSSETTO (2022)

Condições e precarização do trabalho docente

Essa temática compõem 55,5% dos estudos selecionados, demonstrando que são alvo de muita preocupação e discussão na literatura.

Leite (2017) com o objetivo de analisar a reestruturação das condições e processos de trabalho dos professores no ensino superior e como essa nova lógica adoce o professor fisicamente e mentalmente foi entrevistado 55 docentes de várias universidades federais ou estaduais. A autora descreve que as mudanças ocorridas no processo de trabalho docente impactam sobremaneira a saúde, pois todos sentem que seu trabalho foi intensificado. O relato mais comum é a ausência

de descanso nos finais de semana, feriados e férias, bem como o afastamento da família e dos amigos. Aqueles que estão na pós-graduação relatam agregarem orientações da graduação e pós às atividades de pesquisa, publicação e participação em eventos sem recursos humanos e financeiros, e ainda a “concorrência” e o trabalho solitário (individualismo), são os fatores de maior estresse entre os docentes da pós-graduação. No que diz respeito à saúde, os relatos evidenciam insônia, fadiga crônica e enxaquecas e até mesmo aparecimento de distúrbios neurológicos (“branco”, troca de palavras). Raros referem aumento no uso de álcool e drogas (mas são enfáticos ao reconhecerem isso em “outros colegas”).

De acordo com Leite (2017) as implicações das novas formas de trabalho docente são severas, levando desde o consumo de ansiolíticos até o suicídio, pois a nova conformação assumida pela universidade, cujo modelo gerencial, produtivista e de alcance de metas, é o mais destacado, estabelecendo uma relação economia-tempo de difícil enfrentamento.

Concomitante a isso, o estudo de Vasconcelos e Lima (2021) analisou os influxos do trabalho na saúde dos docentes a partir de uma pesquisa de campo, por meio da aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas com 16 docentes dos programas de pós-graduação *stricto sensu* na área do Serviço Social da Universidade Federal e Estadual do Rio Grande do Norte (UFRN) e (UERN). Constatou-se que os problemas de saúde apresentados pelos docentes estão conectados (em alguma medida) com o trabalho desenvolvido, entre os quais foram citados: depressão, ansiedade, transtorno do pânico, labirintite, doenças cardiovasculares, obesidade, cansaço emocional/exaustão. Um aspecto destacado por algumas docentes como indutor de maior sobrecarga, desgaste e adoecimento, é o envolvimento em funções de gestão e a inserção em programas de pós-graduação, já que, em geral, tais atividades se somam às anteriormente assumidas na graduação, além de elevarem as exigências de produtividade.

O trabalho docente é perpassado por sobrecarga constante, trabalho intenso que comumente não chega a ser suspenso em período de férias (pelo menos não totalmente), licença prêmio e nem mesmo durante casos de adoecimento. Diante do exposto e considerando as múltiplas determinações do processo de saúde-adoecimento humano, considera-se que os dados oriundos deste estudo demonstram que as condições de trabalho docente nas universidades públicas são desgastantes e trazem influxos no adoecimento desses trabalhadores, embora, comumente, os nexos entre a vida laboral e a situação de saúde não estejam formalmente estabelecidos e registrados, e/ou nem sempre sejam visualizados pelos próprios docentes (VASCONCELOS; LIMA, 2021).

Tibães *et. al.* (2019) visou identificar a relação entre trabalho e a saúde mental dos docentes universitários substitutos, a partir de entrevistas com 11 professores de duas instituições de ensino superior pública do Estado da Paraíba. Os resultados apontam que nove dos onze participantes desenvolvem outra atividade (como docentes ou não) além do trabalho como substituto, considerando que a carga horária de aula varia de 18h a 40h semanais. Verificou-se que as condições de trabalho não são consideradas um fator negativo no trabalho docente dos substitutos, entretanto quanto à organização do trabalho foi possível identificar fatores de precarização estrutural, visto que o docente substituto detém uma maior carga horária de trabalho em sala de aula quando comparado aos efetivos, e ainda soma-se o fato da pouca autonomia desses profissionais no que diz respeito à divisão de tarefas. Outro ponto marcante destacado pelos participantes foi relacionado a diferenciação de salários entre professores substitutos e efetivos, apesar de estarem submetidos às mesmas condições de trabalho. Diversos sintomas e indicações de adoecimento, como exaustão, estresse, queda de cabelo, tristeza, gastrite, ansiedade, tremores e desânimo foram encontrados entre os docentes.

Colaborando com os achados de Tibães, *et. al.* (2019), Abrantes e Andrade (2020) analisando a correlação existente entre o meio ambiente de trabalho do professor universitário e sua saúde mental, investigando 193 professores com dedicação exclusiva (DE) da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) em Macapá. A partir do questionário para levantamento de perfil (produzido pelos próprios pesquisadores) e o Questionário Geral de Saúde (QSG-12), concluíram que 71,4% dos docentes declararam-se com “alto” nível de bem-estar, 16,7% “moderadamente alto”, 7,1% “moderadamente baixo” e apenas 4,8% declararam “baixo” nível de bem-estar.

Apesar dos resultados indicar que a maioria tem um nível de bem-estar positivo, quando

questionados a respeito da relação dos problemas de saúde e o trabalho, 42,9% declararam terem apresentado alguma patologia nos últimos seis meses, destacando-se problemas de postura (17,80%), cansaço mental (15,10%) e estresse (11,00%). E ainda muitos professores apontaram questões, como diferenças salariais e horas de trabalho na instituição, como algo que os deixavam com “raiva”, “estressado”, com sentimento de “injustiça” e “triste” (ABRANTES; ANDRADE, 2020). Observa-se nesses resultados a contradição e alienação que emerge do contexto laboral, onde os docentes não se percebem como adoecidos, no entanto apresentam várias queixas e indicativos de doenças psíquicas relacionadas ao contexto laboral

Estudo semelhante foi o trabalho de Prata-Ferreira e Vasques-Menezes (2021) cujo objetivo foi compreender e avaliar o sofrimento psíquico e adoecimento do professor universitário a partir da percepção e relação com o trabalho. Para tanto realizaram uma pesquisa com sete professores de instituições públicas e privadas do Estado do Rio de Janeiro, e constataram que o trabalho docente se estrutura sob duas perspectivas: o trabalho em si e o conflito e angústias vividos pelo docente, uma vez que o professor universitário se reconhece em um lugar fascinante, privilegiado e com a possibilidade de refletir e complexificar a realidade, no entanto, demonstraram desgaste, sentimentos de angústia, sofrimento e adoecimento em virtude das conflituosas condições de trabalho, sejam elas de ordem ambiental, burocrática ou em relação à questões subjetivas.

Outra questão apontada pela pesquisa e que contribui para o conflito interno do professor é o tempo necessário para a produção de seu trabalho imaterial, pois há exigências curriculares como mestrado, doutorado e quantos *pós-doc* puder concluir. Além da dedicação a leituras constantes de atualização, que embora não formalizada na sua carga horária, ocupa tempo significativo, muitas vezes de outras atividades relacionadas ao trabalho, à família ou mesmo ao lazer. Assim observa-se que a universidade de hoje vive em uma lógica gerencialista, massificadora e produtivista, visto que o trabalho se esvazia de sentido e se coisifica (PRATA-FERREIRA; VASQUES-MENEZES, 2021).

Simultâneo a isso, Tundis e Monteiro (2018) a partir de pesquisa com 52 docentes de uma Universidade pública da região amazônica, intencionaram identificar os fatores críticos do contexto laboral de docentes do ensino superior associados a riscos à saúde mental. Com base em algumas escalas do Inventário sobre Trabalho e Risco de Adoecimento – ITRA foi possível analisar que os docentes identificaram o contexto de trabalho como “crítico”; as condições de trabalho como precárias e insuficientes; as relações socioprofissionais e a “falta de integração no ambiente de trabalho” foram classificadas como críticas, recebendo destaque as “disputas profissionais”. Também se percebe que a realização profissional relacionada ao orgulho, identificação e gratificação pessoal com as atividades docentes foi destacada como fator de prazer, entretanto as condições de trabalho (analisadas como precárias e insuficientes) e o esgotamento profissional foram considerados “crítico” pelos participantes da pesquisa, o que denota indicadores de desgaste à saúde mental. Além do mais foram verificados danos físicos e psicológicos, como: dores de cabeça e nas costas, e sentimentos de tristeza, irritação e abandono (TUNDIS; MONTEIRO, 2018).

Por conseguinte, Sena e Lima (2021) discorrem sobre a psicodinâmica do trabalho e os estudos sobre os campos da educação que envolve sofrimento mental docente e sua relação com a enfermagem. Trata-se de um estudo teórico de revisão sistemática com abordagem qualitativa, realizado nas bases de dados Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDBT) e Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO), de dezembro de 2018 a fevereiro de 2020, e a amostra final compõem 40 estudos selecionados para a revisão de literatura.

Os autores destacam que as relações interpessoais e as exigências acadêmicas podem submeter os docentes ao sofrimento mental, e relataram fatores como o desrespeito dos discentes (agressividade e indisciplina); baixos salários, carga de trabalho exaustiva; turmas numerosas e pressão por produtividade, desencadeantes de desgaste físico e psicológico. Ademais se ressalta o excesso de trabalho como um indicador desfavorável relativo à atividade docente em enfermagem, com consequente falta de tempo para descanso, diversão e estar com seus familiares (SENA; LIMA, 2021).

Ainda sobre os docentes da enfermagem, o estudo de D’Oliveira, et. al. (2018) almejou identificar as facilidades e as dificuldades presentes no trabalho e analisar as repercussões desse contexto no processo saúde-doença. O delineamento metodológico configura-se em uma pesquisa qualitativa, descritiva e do tipo exploratória, e o cenário foi uma faculdade pública de enfermagem no município do Rio de Janeiro, e entrevistaram 16 docentes de enfermagem.

Os autores ressaltam que a organização do trabalho na qual os docentes estão inseridos é fortemente influenciada pelo modelo neoliberal, pois as demandas da organização do trabalho requeridas aos trabalhadores, como: polivalência, multifuncionalidade, intensificação dos ritmos de trabalho e sobrecarga laboral, faz com que os docentes sintam cansaço, esgotamento físico e mental, além de se sentirem estressados. Verificou-se que para o docente conseguir executar a demanda laboral, por vezes, necessita utilizar seu tempo de descanso e lazer, abrindo mão da convivência com a família e amigos, ou opta por abdicar de fazer alguma atividade em prol de sua saúde, e este ritmo intenso de trabalho imputado pela organização laboral favorece o sofrimento físico e psíquico. No entanto, também foi observado pelos autores alguns elementos facilitadores do trabalho docente, como o bom relacionamento interpessoal, a identificação com a profissão e o prazer profissional com a docência, bem como a autonomia e a flexibilidade para o desenvolvimento do trabalho conferida pela instituição de ensino.

Nesse sentido Souza, et. al. (2017) propuseram analisar a nova organização do trabalho dos professores universitários, estabelecendo uma relação com o panorama de saúde desses trabalhadores, por meio de um estudo bibliográfico realizado nas bases de dados Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), Medline, Lilacs, Scielo e no Portal de Periódicos da Capes, totalizou 35 artigos e adotaram como referencial teórico o pensamento do materialismo histórico-dialético.

Os autores entenderam que os processos de trabalho nas instituições universitárias públicas brasileiras, interferem na saúde de professores, e os sintomas de maior prevalência foram: cansaço mental, estresse, ansiedade, esquecimento, frustração, nervosismo, angústia, e insônia, configurando uma exaustão emocional nos docentes. Quanto aos aspectos do trabalho, os participantes destacam que a grande exigência para o desempenho de suas funções, insatisfações quanto à remuneração, jornada e ritmo de trabalho e problemas de relacionamentos pessoais são fatores possíveis de desencadear reflexos negativos na saúde; como depressão ou manifestações isoladas de ansiedade, distúrbios do sono, mudanças do humor e do comportamento, até a síndrome de Burnout, entre outros (SOUZA, 2017).

Nesse mesmo viés, Nascimento e Daibem (2020) com o objetivo de conhecer as percepções de professores universitários sobre o ambiente de trabalho realizaram um estudo descritivo-interpretativo, em uma universidade pública de Mato Grosso. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada com 31 docentes efetivos. No que corresponde aos resultados, 11 docentes relataram que após o ingresso na carreira docente, apresentaram problemas de saúde, predominando hipertensão arterial sistêmica, arritmia, estresse, pânico, depressão, gastrite, estomatites, insônia, dermatites/alergias, vitiligo, Parkinson, mialgia, lombalgia e tendinite. E quanto ao ambiente de trabalho, retrataram como degradado pelas relações conflituosas ou por problemas de gestão da dinâmica de trabalho e condução das atividades docentes, pois consideram que falhas na liderança do grupo, somadas à ausência de princípios éticos e ao desrespeito à pluralidade dos colegas, aumentam a ocorrência de conflitos, impactando no bem-estar e na saúde de modo geral.

Principais fatores para o adoecimento psíquico dos docentes

Alves e Santos (2021) na investigação sobre os indicadores de saúde mental do trabalho docente e sua relação com a subjetividade, desenvolveram uma pesquisa exploratória e descritiva para conhecer a realidade do trabalho de 15 docentes de uma universidade do interior do estado de Mato Grosso do Sul. De acordo com os autores, pode-se observar que o desgaste nas expectativas de produção do docente é um fator de risco importante para o adoecimento psíquico, visto que precisam dividir seu tempo entre ensino, pesquisa e extensão, o que acarreta em uma carga horária extensa. Ou seja, as condições e a sobrecarga de trabalho, a necessidade de produtividade, e as dificuldades frente às relações interpessoais são aspectos que no processo de trabalho influenciam de maneira negativa na subjetividade dos docentes.

Na sequência, o artigo de Souto, et. al. (2017) com o objetivo de descrever os sentimentos de prazer e sofrimento no trabalho da pós-graduação na perspectiva dos docentes, entrevistaram seis docentes de programas de pós-graduação em nível de mestrado de uma Universidade Federal. Os autores concluíram que os sentimentos de prazer como o reconhecimento, identidade profissional; e os de sofrimento, como a frustração, burocracia, hierarquias e sobrecarga são elementos que

interferem diretamente na saúde desses trabalhadores. O sofrimento no trabalho se configura em uma vivência de experiências dolorosas, como angústia e insegurança, e são provenientes de conflitos e contradições oriundos do confronto entre desejos, necessidades do trabalhador e as exigências da organização do trabalho. Entretanto percebeu-se nesta pesquisa que a negação do sofrimento, algumas vezes se fez presente nos depoimentos dos docentes, apontando para a existência de diferentes perspectivas em relação ao trabalho, as quais são marcadas pela subjetividade um tanto alienada pelo sistema produtivista (SOUTO, et. al., 2017).

A vista disso, Oliveira, Pereira e Lima (2017) investigaram as modalidades de adoecimento e sintomas que acometem o docente universitário do ensino público, verificando se há predominância de adoecimentos físicos ou psíquicos, a partir de um levantamento bibliográfico dos últimos dez anos nas bases de dados Bireme e Scielo. Os autores elencaram categorias de análise em relação aos fatores indicativos de adoecimento dos docentes, e a primeira refere-se ao *Adoecimento psíquico e emocional* dos professores, apontando sintomas relacionados ao estresse (agudo e prolongado), ansiedade e depressão; perda de vitalidade, desânimo e insatisfação, profunda tristeza, desgaste e cansaço mental, alterações da concentração e da memória, angústia, preocupação, nervosismo, irritabilidade, mau humor, tensão e frustração. Já na categoria *Adoecimento do corpo*, encontram-se fatores como o cansaço, fadiga e indisposição, o prejuízo vocal, as afecções osteomusculares (dor nas costas, dor nos membros inferiores e superiores) e cefaleia (dor de cabeça), além de problemas cardiovasculares (aterosclerose) e hipertensão (vinculada à taquicardia). Com relação à categoria *Adoecimento psicossomático*, destacam-se: alterações do sono, insônia, enxaqueca, alterações da pressão, e alterações da glicose. E ainda questões relacionadas ao estresse, crises gástricas (gastrite; dores epigástricas), ansiedade, estados depressivos, crises hipertensivas, labirintite, gripes e resfriados constantes (ocasionados pela baixa imunidade), diabetes, distúrbios hormonais, problemas dermatológicos, cistite, diarreia e dispneia são outros quadros que merecem atenção (OLIVEIRA; PEREIRA; LIMA, 2017).

E para finalizar a temática 2, Campos, Carvalho e Souza (2021) realizaram um estudo documental através da análise de atestados entre os anos de 2007 até 2017 da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, com o objetivo de verificar o adoecimento docente. Foram contabilizados 2.525 atestados de saúde dos professores, totalizaram 62.956 dias de ausência no trabalho. Do total destes atestados, foram elencados 21 capítulos do CID-10, sendo os mais prevalentes: o Capítulo V - Transtornos mentais e comportamentais (F00-F99) (19,8%; n=499), o Capítulo XIII - Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo (M00-M99) (10,5% n=264) e o Capítulo II - Neoplasias [tumores] (C00-D48) (7,1% - n=179). É possível observar que os transtornos mentais ficaram em evidência neste estudo, e dentre os 499 atestados os CIDs mais frequentes foram o F33- Transtorno depressivo recorrente (27,5%; n=137), o F32- Episódios depressivos (25,7%; n=128), o F43 - Reação ao stress grave e transtorno de adaptação (13,2%; n=66), o F41- Outros transtornos ansiosos (11,8%; n=59) e o F31 - Transtorno afetivo bipolar (9,4%; n= 47).

Os autores enfatizam, que de acordo com a National Union of Teachers – NUT (2017) as principais fontes dos altos níveis de estresse docente são a sobrecarga de trabalho, o comportamento inadequado por parte de alguns alunos, pressões de metas de avaliação, assédio moral, estresse de avaliação e remuneração relacionada ao desempenho e falta de oportunidades profissionais. E o manual do Ministério da saúde (2001) relacionou o CID F32 (Episódios depressivos) ao trabalho, na profissão docente, havendo um nexo de causa, que são as exigências excessivas de desempenho cada vez maior, geradas pelo cúmulo de competição (CAMPOS; CARVALHO; SOUZA, 2021).

Transtornos mentais nos docentes

O artigo de Campos, Vêras e Araújo (2020) indicou a prevalência de transtornos em docentes de uma universidade pública da Bahia, analisando sua associação com aspectos sociodemográficos, laborais e psicossociais. Para tanto, foi realizado um estudo epidemiológico de corte transversal, de caráter exploratório, envolvendo 127 docentes.

A prevalência global de transtornos mentais comuns encontrada na população investigada foi de 29,9%. Observou-se associação estatisticamente significativa ($p \leq 0,05$) para idade entre 30

e 45 anos e ter filhos; quanto às características laborais, houve significância ($p \leq 0,05$) com relação à sobrecarga no trabalho; pressão por publicação; desgaste na relação com os alunos; condição inadequada da sala de aula; não sentir segurança no campus universitário; não sentir satisfação em trabalhar na instituição e desejo de abandoná-la. Considerando os aspectos psicossociais do trabalho, foram observadas maiores prevalências de transtornos mentais comuns entre os docentes na situação de trabalho de alta exigência, seguidas das horas dedicadas às atividades laborais, pois a maioria dos docentes dedica até 30 horas semanais às atividades de ensino, pesquisa, extensão e administrativas. Desse modo evidenciou-se expressivo comprometimento da saúde mental dos envolvidos, levando em conta que mais de 1/4 apresentaram elevado sofrimento mental no momento da pesquisa (CAMPOS; VÉRAS; ARAÚJO, 2020).

Ferreira e Pezuk (2021) no artigo “*Síndrome de Burnout: um olhar para o esgotamento profissional do docente universitário*” procuraram compreender esse tema no universo do ensino superior, a partir da produção científica dos últimos cinco anos. Para isso, realizaram um estudo descritivo, por meio de uma revisão integrativa da literatura no período de janeiro de 2015 a maio de 2020 nas bases de dados SCIELO e PubMed, e foram selecionados 44 estudos para a análise.

Os resultados apontam que diversos aspectos influenciam o estado emocional e físico da atividade docente, e alguns fatores se destacam como geradores de quadros de estresse e possíveis precursores da Síndrome de *Burnout* como: ambiente de alta pressão, cultura e política organizacional, baixos salários, perspectiva duvidosa quanto ao crescimento profissional, excesso de carga horária, instabilidade de disciplinas e desinteresse de estudantes. Os precursores de *Burnout*, que incidem sobre a prática do professor influenciam em estados pessoais e contextos de vida, potencializando-os negativamente, pois é com frequência os relatos de intensificação de quadros de depressão e transtornos de ansiedade devido às situações estressantes vividas no cenário profissional. Este estudo ainda destaca que as características pessoais, demandas laborais, vulnerabilidade, influência do ambiente, e aspectos organizacionais são os principais elementos de estresse e de risco para a Síndrome de *Burnout*. Entretanto, conhecer a doença os sinais de detecção, bem como estratégias preventivas ao estresse podem ser fatores protetivos do adoecimento psíquico dos docentes (FERREIRA; PEZUK, 2021).

Pressão pelo produtivismo acadêmico

O estudo nomeado “*Produtivismo acadêmico: quando a demanda supera o tempo de trabalho*” de autoria de Teixeira et. al. (2020), com o objetivo de avaliar a associação entre a percepção da pressão por publicações com a satisfação e o estresse no trabalho, em pesquisa realizada com 64 orientadores de pós-graduação de uma universidade pública da cidade de São Paulo. Foi possível observar que aproximadamente 50% dos docentes relataram executar atividades fora de suas atribuições, justificadas pelo número insuficiente de funcionários. Quanto à satisfação no trabalho, os aspectos “salário em relação à experiência e à responsabilidade”, “estrutura organizacional” e “volume de trabalho” foram apontados como geradores de insatisfação. Os autores concluíram a partir dos instrumentos (GLM, DER) que 85% dos docentes estavam em situação de desequilíbrio, sugerindo estresse laboral, e 23,4% classificados com alto comprometimento. Ademais se constatou associação entre a percepção da pressão por publicação e as médias de esforço, comprometimento excessivo e coeficiente esforço-recompensa, ajustados por tempo de trabalho na instituição, função de gestão acadêmica e bolsa produtividade. Desse modo, fica evidente que há associação entre percepção da pressão por publicação e o estresse, esforço e comprometimento excessivo. Entretanto, não foi encontrada associação estatisticamente significativa entre a percepção da pressão por publicação e a insatisfação no trabalho, o que pode sugerir que a gratificação na carreira docente supera a percepção negativa da cobrança por metas. Contudo, a pesquisa em tela propõe que a organização do trabalho e a saúde mental dos trabalhadores estão inter-relacionados, chamando atenção para a gestão de ambientes universitários, a qual não tem sido suficientemente considerada em estudos sobre saúde mental. Em suma, foi confirmado que quanto maior a percepção de pressão por publicação, maior o estresse no trabalho (TEIXEIRA et. al., 2020).

E por fim Silva, Oliveira e Carvalho (2020) buscaram discutir a medicalização dos sujeitos

na educação superior, como forma de regular as emoções para que atendam às exigências de produtividade acadêmica. O estudo de cunho bibliográfico, não traz informações concernentes à busca dos dados, nem da análise e tampouco do referencial teórico utilizado, ou seja, o estudo não demonstra rigor metodológico, o que parece muito mais uma reflexão do que uma pesquisa científica, no entanto faz provocações interessantes relacionadas ao tema.

Os autores apontam que além do excesso no consumo de medicalização, o individualismo, o enfraquecimento dos vínculos e da escassez de tempo, a contemporaneidade está marcada pela cultura do narcisismo, com sujeitos cada vez mais centrados em si mesmos, em detrimento do bem social, preocupados com desempenho, saúde, beleza, e prazer a todo custo, oriundos de culturas capitalistas contemporâneas que produzem subjetividades centradas na realização individual, estreitamente ligada ao consumismo e a realização pessoal, em detrimento dos ideais coletivos. Sujeitos medidos, avalizados, hierarquizados, promovidos ou excluídos a partir de sua produtividade individual, atestada pelos currículos lattes e novas plataformas de exposição do desempenho. (SILVA; OLIVEIRA; CARVALHO, 2020).

E nesta lógica, os docentes estão mergulhados num contexto em que a exigência é exercício da racionalidade, no qual as emoções têm papel secundário ou desprezado. Assim se faz necessário anestesiar o emocional, silenciar as angústias e permitir que apenas o “academicismo” guie seu trabalho, o que parece profícuo para conquistar o respeito dos seus pares e também o controle social. Nesse sentido, se pretende com a medicalização, a regulação ostensiva do mal-estar, para impedir que seja transformado em agressividade e em violência. A exigência de produtividade e seus efeitos lembram ao modelo toyotista de produção, no qual o artigo científico se configuraria como uma mercadoria acadêmica, que se situa entre o fetichismo e a sobrevivência, desse modo, além da precarização das condições materiais e simbólicas do trabalho docente, há ainda a precarização subjetiva. (SILVA; OLIVEIRA; CARVALHO, 2020).

Considerações Finais

A partir do estudo realizado pode-se dizer que nos últimos anos tem-se presenciado sérios comprometimentos na saúde mental de professores quer seja no ensino superior como em qualquer nível de ensino. Fatores tais como: sobrecarga de trabalho; excesso de exigências burocráticas e administrativas; jornada intensa de trabalho, sacrificando o tempo de atividades de lazer; pressão por produzir cada vez mais, publicar mais; individualismo; competitividade; infraestruturas precárias; falta de ambiente e mobiliário adequado; recursos escassos para pesquisa; falta de reconhecimento, remuneração incoerente com as atividades desenvolvidas; perda de direitos na carreira; etc. Destaca-se que grande parte dos estudos apresentados aqui recorrem à questões comuns relacionadas ao trabalho docente, o que denota que não há diferença significativa nas queixas dos docentes e tão pouco referente ao local universitário ao qual pertence.

Destarte, é unânime nos estudos, que a configuração atual do trabalho docente, é fator desencadeante e/ou contributivo para o adoecimento psíquico, e entre as principais queixas e transtornos estão: fadiga crônica, estresse, insônia, falta de motivação, baixa autoestima, sintomas ansiosos, tristeza, cansaço, dores crônicas (dor de cabeça, nas articulações, problemas gástricos, etc); sintomas depressivos, síndrome de Burnout, etc.

Assim, confere-se que a saúde do trabalhador está intrinsecamente ligada às condições de trabalho, ao processo de individualização e ao sistema capitalista que trata a educação de modo mercantil e trabalha na contramão do processo de humanização dos sujeitos. Em se tratando de um grupo profissional que adocece, ficam claras as fragilidades das formas de investigação que individualizam os problemas, abstraíndo-os do seu contexto de produção, ocupando o lugar ideológico de culpabilizar o indivíduo pelas mazelas que o acometem, transmutando o que é político em psíquico (PAPARELLI, 2009). E nessa ótica biologizante, desconsiderando o cenário social, cultural e histórico que o docente está inserido, o sujeito se torna o único responsável por tal condição, e assim o sofrimento é calado pela patologização do subjetivo, descontextualizando e alienando o ser da sua existência humanizadora.

A realidade tem demonstrado que no sistema capitalista, a educação que poderia ser um

instrumento para contribuir na transformação da sociedade é ajustada aos moldes desse mesmo sistema, o qual impede o sujeito de ampliar sua concepção de mundo, de exercer um papel consciente e crítico, permitindo, então, ser dominado e explorado.

Por conseguinte, ressalta-se que ao longo da busca percebeu-se que há muitos estudos voltados para a problemática saúde mental de docentes e sua relação com o trabalho. No entanto, ao longo dos últimos cinco anos, período o qual se realizou essa pesquisa, não houve mudanças nas queixas e tão pouco nas estratégias políticas, sociais e econômicas, e de tal modo na implementação de políticas públicas efetivas que tratem dessa problemática. Isso demonstra a invisibilidade do setor educacional principalmente diante do atual cenário político, com a falta de investimentos neste âmbito, corroborando desumanamente para um maior e contínuo sofrimento psíquico dos docentes.

Espera-se que esta pesquisa contribua para que as universidades e as políticas de saúde públicas implementem projetos de saúde mental que atendam a demanda dos docentes, principalmente em caráter preventivo. Isso irá contribuir para a qualidade de vida e consequentemente na atuação/desempenho profissional na educação superior.

Referências

ABRANTES, D. S. S.; ANDRADE, R. F. Ambiente de trabalho e saúde mental: o caso dos docentes da UNIFAP. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**. v. 13, n. 3, p. 357-371, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/5110>. Acesso em: 2 dez/2021

ALVES, A. C. G.; SANTOS, A. C. O desgaste mental docente no ensino superior público e a relação com a subjetividade. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.5, p. 44985-44999, 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/29350>. Acesso em: 2 nov/2021.

ANTUNES, R. **Caracol e sua concha**: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2006.

BORSOI, Izabel Cristina Ferreira. Trabalho e produtivismo: saúde e modo de vida de docentes de instituições públicas de ensino superior. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 81-100, jun. 2012.

CAMPOS, E.V.; CARVALHO, A. M. A.; SOUZA, A. S. Adoecimento docente de uma instituição pública federal de ensino superior: uma análise dos atestados médicos de saúde. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S.l.], v. 7, n. 7, p. 1-14, 30 jul. 2021. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/1669> Acesso em: 2 dez/2021

CAMPOS, T. C.; VÉRAS, R. M.; ARAUJO, T. M. Transtornos mentais comuns em docentes do ensino superior: evidências de aspectos sociodemográficos e do trabalho. **Avaliação**: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas), [S.l.], v. 25, n. 3, p. 745-768, dez. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/SVyyKwCpTcmR4CDskv3hSPN/abstract/?lang=pt> Acesso em: 2 nov/2021.

COUTINHO, M. C.; KRAWULSKI, E.; SOARES, D. H. P. Identidade e Trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. *In*: **Psicologia social**, v.19, n. spe, Porto Alegre, 2007.

DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. *In*: **Revista Produção**, v.14, n.3, p.27-34, 2004.

D'OLIVEIRA, C. A. F. B. *et al.* Trabalho docente de enfermagem e as repercussões no processo saúde-doença. **Revista de Pesquisa Cuidado É Fundamental**, [S.l.], v. 10, n. 1, p. 196-202, 9 jan. 2018. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/6028> Acesso em: 2 nov/2021

FACCI, M. G. D.; URT, S. da C. *et al.* Uso de medicamentos ou medicalização dos professores? Uma discussão sobre as relações de trabalho e adoecimento. *In: FACCI, M. G. D.; URT, S. da C. (Org.). Precarização do Trabalho, Adoecimento e Sofrimento do Professor.* Teresina: EDUFPI, 2017.

FERREIRA, E. C.; PEZUK, J. A.. Síndrome de Burn-out: um olhar para o esgotamento profissional do docente universitário. **Avaliação:** Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas), v. 26, n. 2, p. 483-502, maio 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/tyRLWxv9pLPf6RcBFxqmgDk/> Acesso em: 2 dez. 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GUIMARÃES, André R.; CHAVES, Vera L. J. A intensificação do trabalho docente universitário: aceitações e resistências. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação,** Goiânia, v. 31, n. 3, p. 567-586, set./dez. 2015.

HOLANDA, Ana Raquel Martins Diógenes, *et al.* O trabalho na contemporaneidade: análise das implicações subjetivas em um agente autônomo da bolsa de valores. **Rev. Labor,** n. 11, v.1, 2014. Disponível em: http://www.revistalabor.ufc.br/Artigo/volume11/3_O_TRABALHO_NA_CONTEMPORANEIDADE.pdf. Acesso em: 2 nov. 2021.

LEITE, J.L. Publicar ou perecer: a esfinge do produtivismo acadêmico. **Revista Katálysis,** [S.l.] v. 20, n. 2, p. 207-215, ago. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/rTNwzBPvRFcBNchvNg6yczB/?lang=pt> Acesso em: nov/2021

LEMOS, Denise Vieira da Silva. Precarização do trabalho docente nas Federais e os impactos na saúde: o professor no seu limite. **Entreideias,** Salvador, v. 3, n. 1, p. 95-109, jan./jun. 2014.

LEMOS, Denise Vieira da Silva. Trabalho docente nas universidades federais: tensões e contradições. **Caderno CRH, Salvador,** v. 24, n. 1, p. 103-118, 2011.

MARIA CHALFIN, Coutinho; MAGRO, Márcia Luiza Pit Dal; BUDDE, Cristiane. Entre o prazer e o sofrimento: um estudo sobre os sentidos do trabalho para professores universitários. **Psicol. teor. prat.,** v.13, n.2, p. 154-167, 2011.

MOURA, Juliana da Silva *et al.* A precarização do trabalho docente e o adoecimento mental no contexto neoliberal. **Revista Profissão Docente,** Uberaba, v. 19, n. 40, p. 1-17, jan./abr. 2019.

NARDI, H. C. **Ética, trabalho e subjetividade:** trajetórias de vida no contexto das transformações do capitalismo contemporâneo. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

NASCIMENTO, V. F.; DAIBEM, A.. Percepções de docentes universitários sobre o ambiente de trabalho. **Persona y Bioética,** [S.l.], v. 24, n. 1, p. 28-42, 8 maio 2020. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/c3767c35f47f15b48c27a3d9ccb9ebf1/1?pq-origsite=gscholar&cbl=186310> Acesso em: 2 nov/2021.

OLIVEIRA, A. S. D.; PEREIRA, M. S.; LIMA, L. M. Trabalho, produtivismo e adoecimento dos docentes nas universidades públicas brasileiras. **Psicologia Escolar e Educacional,** [S.l.], v. 21, n. 3, p. 609-619, dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/V3Twyq9cC536hK6PyGqhQBQ/?lang=pt> Acesso em: 2 nov/2021.

PAZ, Suelayne L. da; OLIVEIRA, João F. de. O trabalho docente no magistério superior em tempos de crise e de reconfiguração. **Rev. Cient.,** São Paulo, n. 46, p. 109-130, maio/ago. 2018

PAPARELLI, Renata. **Desgaste mental do professor da rede pública de ensino**: trabalho sem sentido sob a política de regularização de fluxo escolar. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

PRATA-FERREIRA, P. A.; VASQUES-MENEZES, I. Conflitos do professor universitário: o que sabemos sobre isso? **Psicologia em Estudo**, v. 26, p. 1-14, 12 nov. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/rq8V9xSpq5S8bhRp4rkdHqC/abstract/?lang=pt> Acesso em: 2 dez.2021.

ROSSETTO, E. **Sujeitos com deficiência no ensino superior**: vozes e significados. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/21375>. Acesso em: 2 dez.2021.

SCHMIDT, J. E. **A obra de Lev Semionovitch Vigotski**: conceitos e interpretações. Dissertação (Mestrado) -Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2019.

SENA, B. A. C.; LIMA, A. I. O. Mental suffering and higher education teaching in nursing. **Psicologia e Saúde em Debate**, [S.l.], v. 7, n. 1, p. 241-255, 13 abr. 2021. Disponível em: <http://psicodebate.dpgsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/735>. Acesso em: 2 nov. 2021.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007

SILVA, Altina Abadia da; OLIVEIRA, Vanilda Maria de; CARVALHO, Eloane Aparecida Rodrigues. PSQUIATRIALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: regular as emoções para que atendam às exigências da produtividade acadêmica / psychiatricalization of higher education. **Brazilian Journal Of Development**, [S.l.], v. 6, n. 12, p. 104307-104321, 2020.

SOUTO, B. L. C. *et al.* O trabalho docente em pós-graduação: prazer e sofrimento. **Revista de Enfermagem da UFSM**, [S.l.], v. 7, n. 1, p. 1-12, 31 maio 2017. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1281239> Acesso em: 2 dez. 2021.

SOUZA, K. R., *et al.* A nova organização do trabalho na universidade pública: consequências coletivas da precarização na saúde dos docentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.l.], v. 22, n. 11, p. 3667-3676, nov. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/xjgJxyZmM4S9tnjjCF6sBSP/abstract/?lang=pt> Acesso em: 2 nov/2021

TEIXEIRA, T. S. C.; MARQUEZE, E. C.; MORENO, C. R. C. Produtivismo acadêmico: quando a demanda supera o tempo de trabalho. **Revista de Saúde Pública**, [S.l.], v. 54, p. 117, 15 dez. 2020. Disponível em: <http://www.rsp.fsp.usp.br/artigo/produktivismo-academico-quando-a-demanda-supera-o-tempo-de-trabalho/> Acesso em: 2 dez.2021.

TIBÃES, P. C., *et al.* A relação entre trabalho e saúde mental em professores universitários substitutos. **Trabalho (En)Cena**, v. 4, n. 2, 2019. Disponível em: https://redib.org/Record/oai_articulo2443243-a-rela%C3%A7%C3%A3o-entre-trabalho-e-sa%C3%BAde-mental-em-professores-universit%C3%A1rios-substitutos Acesso em: 2 dez. 2021.

TUNDIS, A. G. O.; MONTEIRO, J. K. College Education and Teacher Illness: a study at a public university. **Revista Psicologia da Educação**, [S.l.], v. 1, n. 46, p. 1-10, 2018. Pontifical Catholic University of Sao Paulo (PUC-SP). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/327144400_College_Education_and_Teacher_Illness_A_study_at_a_public_university. Acesso em: 2 nov. 2021.

VASCONCELOS, I.; LIMA, R. L. Trabalho e saúde-adoecimento de docentes em universidades públicas. **Revista Katálysis**, [S.l.], v. 24, n. 2, p. 364-374, ago. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/gPZCCBpkHMbpbpMQ3bD9GPp/abstract/?lang=pt> Acesso em: 2 dez. 2021.

Recebido em 12 de novembro de 2022.
Aceito em 21 de novembro de 2022.